

Paulo Freire ou o poder da palavra / Paulo Freire or the power of the word

Carla Beatriz Rodrigues Silva¹

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

“O que deve ser superado é o discurso vazio e o verbalismo vazio sobre a educação. O que deve ser instaurada é a pedagogia que começa pelo diálogo, pela comunicação, por uma nova relação humana que possibilite ao próprio povo a elaboração de uma consciência crítica do mundo em que vive”.

(Paulo Freire)

O livro de Paulo Freire, *Educação como prática da liberdade*, foi escrito em 1967, contém 127 páginas e, em seu exemplar nº 1.405, foi publicado pela editora Paz e Terra Ltda. No prefácio, Pierre Furter nos alerta sobre a importância de fazer pausas e reflexões para a abordagem e entendimento do capítulo 1. Logo adiante, no capítulo 2, o autor nos fala que Freire menciona a autenticidade da fala enquanto implicância de uma crítica radical de uma situação apenas aparentemente democrática e nos chama a atenção para a seguinte condição: de “que as palavras não sejam apenas ocas” (FREIRE, 1967, não paginado). Ainda nesse capítulo, o autor reflete sobre o fato de pensarmos em uma educação que admita o escândalo de um povo marginalizado e passivo. Com a assertividade de que ninguém deve ser excluído de um processo de falácia, a formação política deve ser capaz de abarcar este aspecto: não basta que o povo se torne liberto, também é preciso passar de um movimento de rebelião para uma integração responsável e ativa na democracia. Não basta apenas criticar as elites, é preciso que as novas elites também se desvinculem de um ativismo sectário.

Na introdução, percebemos que a obra de Paulo Freire é um convite para a era dos discursos e dos manifestos sobre a educação. Mas para que ela aconteça, é necessário que alguém reconheça a questão.

¹ Mestranda em Educação Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil; professora da rede pública municipal de educação de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil / Master degree student in Technological Education, Federal Institute of Education, Science and Technology of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil; teacher at the municipal public education system in Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: carlabrs.p@gmail.com.

Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade

A princípio, Paulo Freire se depara com um dilema para a escrita do livro. Teria que “aproveitar as possibilidades institucionais abertas à mobilização popular para atacar de frente a meta da alfabetização” (FREIRE, 1967, p. 2). A teoria teve que esperar o exílio. O ensaio de Paulo Freire é impregnado das condições históricas que lhe deram origem. O autor menciona em sua obra que, quando se fala em educação popular, interessa-nos sobretudo as suas implicações sociais e políticas.

A visão de liberdade tem na pedagogia do autor uma posição de destaque. Um coordenador, por exemplo, jamais pode influir ou impor uma tarefa. A figura do educando tem real apreço pela participação. As palavras geradoras são discutidas com essa participação. A alfabetização e a conscientização jamais se separam (FREIRE, 1967, p. 5) e o aprendizado deve encontrar-se associado à vida do educando. O objetivo desse livro, segundo o filósofo, é assinalar que estamos diante de uma pedagogia para homens livres. Em frente dessa proposta, menciona-se ser necessário o reconhecimento dos sentidos de opressão e libertação.

Quanto à pedagogia, o escritor nos diz que a maiêutica pedagógica pode ser vista como uma ordem socrática. As palavras possuem poder e dizem respeito à vida do homem: trabalho, dor, fome. Na pedagogia forma-se um círculo de trabalho e o debate só se faz oportuno se estiver inserido em uma ordem social. O aprendizado só é tomado dentro de uma conscientização e de um reconhecimento de que o ser é produtor de cultura. Deve-se saber distinguir, portanto, a teoria da pregação; a visão deve ser a de uma crítica da opressão real.

Em termos políticos, observa-se que não é possível mencionar o trabalho de Paulo Freire sem exaltar as intempéries políticas. O golpe do Estado, a movimentação positiva no governo de Goulart. Assim que a campanha de alfabetização de Freire começou, deu-se início a uma alfabetização em escala nacional. Primeiramente nos setores urbanos e logo em seguida nos segmentos rurais.

Já nos aspectos de compreensão, a real preocupação de Freire, em termos de utilidade desta metodologia é que ela deveria ser “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (FREIRE, 1967, p. 12), ou seja, ela não seria uma ordem, mas uma ação a ser realizada pela própria conscientização do educando. Um processo em contínuo desenvolvimento. No Brasil, quando pensamos sobre o processo de alfabetização e a origem deste método, verificamos que a alfabetização era vista como uma “alavanca do progresso” (FREIRE, 1967, p. 12); isso resultou em muitas palavras e pouca ação. Isso se deu

entre os anos 1930 e 1945 e permeou até a década de 1960, mas a ideologia de que exista uma democracia apenas para os privilegiados ainda se perpetua.

Quando pensamos os aspectos econômicos nesta teoria que podemos chamar de libertação, podemos dizer que o ambiente rural ainda está fora dos processos de participação. A hegemonia cresce e os povos se subordinam às classes burguesas emergentes. Nesse sentido, em relação à lógica pedagógica, o filósofo nos diz que uma pedagogia pode apenas auxiliar uma direção específica, mas cabe aos políticos orientar.

Em relação à modernidade e às questões que envolvem a educação, referentes ao futuro e ao passado, o autor nos diz que as rupturas no Antigo Regime são significativas, mas que seria ingenuidade crer que apenas elas consigam conduzir-nos a uma sociedade democrática. É preciso luta! Mais adiante, em posição das massas nessa luta, Freire nos mostra que elas estão sempre presentes, ainda que a elite as veja de forma passiva. Esta última, por sinal, tem como objetivo socializar-nos, deliciar-nos de tal modo que não vejamos os limites que são impostos a nós. Nesse caminho, observa-se que, apesar de o movimento popular não ter conseguido realizar o seu plano de educação, deu mostras da sua potencialidade. A participação dos votos nas eleições é um exemplo disso.

Em termos educacionais, verifica-se, portanto, que a manifestação política do populismo detém duas faces de uma mesma moeda. A ambiguidade aparece entre a existência de uma mobilização democrática e a manipulação. A despeito desta dualidade nos movimentos populistas, Paulo Freire nos diz que toda prática implica em algum perigo de transfiguração de suas intenções originais. Mas, “se há riscos em toda inserção prática na história, qual alternativa além do intelectualismo e da omissão?” (FREIRE, 1967, p. 23).

Os populistas se perderam em marcos institucionais que iam muito além das palavras. Não reconheceram que suas palavras davam vida aos demais e se perderam em meio a elas. É assim que Freire finaliza essa seção.

Canção para o fonema das alegrias

Antes de adentrar especificamente o capítulo 1, o poema de Tiago Melo retrata um canto de amor público sobre o educador em seu ato de educar. Nota-se que tal ato cria vida quando a alfabetização e a consciência se mediam nesse processo, e dessa condição surge a criticidade, a imagem de um homem letrado.

Agradecimentos

Antes de iniciar o seu capítulo, o autor ressalta os agradecimentos à Academia e ao “povo”, pessoas analfabetas com quem tanto aprendeu.

Esclarecimentos

Nos Esclarecimentos, o escritor menciona estar em busca de uma sociedade e educação do “homem sujeito”. A palavra que ele usa para que seja possível realizar esta condição é a autorreflexão. O ensaio do autor é um empenho para tornar a educação libertadora, uma vez que ele tenta fazer com que a educação se desvaneça das forças que a ameaçam, trazendo uma massificação e falsa libertação.

A sociedade brasileira em transição

O autor inicia o capítulo mencionando ser importante compreender a relação do homem com o mundo. O homem “não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que ele é” (FREIRE, 1967, p. 39). Em sua relação com o mundo, o homem nos mostra que ele é capaz de transcender a sua existência, de temporalizar-se. Situar-se entre o hoje, o ontem e o amanhã; adquirir, diante da pluralidade e da singularidade, uma postura crítica. É por não “estar preso em um tempo reduzido a um hoje que permanentemente o esmaga, emerge dele” (FREIRE, 1967, p. 41).

O homem não pode se tornar um ser acomodado; a sua luta é pela criação e superação daquilo que o faz acomodado ou ajustado. A despeito do homem e das gerações, da liberdade que ele deve ter, Freire nos concebe a seguinte afirmação: “Quanto mais dinâmica uma época na gestação de seus temas próprios, tanto mais terá o homem de usar”, como salienta Barbu (*apud* FREIRE, 1967, p. 44): “cada vez mais funções intelectuais e cada vez menos funções puramente instintivas e emocionais”, ou seja, esta é uma condição para cada geração.

A passagem de uma sociedade para outra acontece, segundo o autor, em trânsito. Entretanto, é preciso cuidado para não distorcer essa tarefa, fazendo com que, assim, as massas sintam-se novamente domesticadas e acomodadas. O objetivo é fazer com que a sociedade se torne aberta ao invés de fechada. Nessa luta por uma sociedade aberta ao invés de fechada surge a luta do trânsito em que elas acontecem. Surge, desse modo, uma postura

do homem: a postura radical, aquele que reage a quem lhe impõe o silêncio, mas respeita a opinião alheia; aquele que possui uma postura preponderantemente crítica. O radical, na visão do autor, diferente do ativista e do sectarista, “reconhece que não se pode deter nem antecipar algo, mas pode e deve, como sujeito, com outros sujeitos, ajudar e acelerar as transformações, na medida em que conhece para poder interferir” (FREIRE, 1967, p. 58). É essa postura que precisamos ter.

Ao retratar neste capítulo a dualidade que vivencia a sociedade em transição em um sentido de democracia, o patrono nos alerta para o fato de que: “o grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a ‘abertura’ de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica” (FREIRE, 1967, p. 56).

De acordo com Paulo Freire, o assistencialismo tira a responsabilidade do povo e, quando se trata de resoluções de problemas, o que nós precisamos é dar soluções com o povo, e não para o povo. O que poderíamos fazer, então, para solucionar essa questão é oferecer educação para o povo, com o povo. Passaríamos do que ele chama de uma intransitividade da consciência para a transitividade ingênua. A diferença entre ambas acontece conforme a seguinte explicação: na intransitividade, o homem se encontra em uma limitação de sua esfera de apreensão. Já na transitividade, o homem está aberto à dialogação, a uma esfera além daquela considerada apenas vital. A transitividade ingênua perpassa por um período em que há uma espécie de mágica significação. Existe uma fragilidade na dialogação, que é o forte teor para a emoção. Isso faz com que entremos no que Marcel chama de fanatização (*apud* FREIRE, 1967, p. 62). A transitividade crítica, por sua vez, aquela que devemos ter, caracteriza-se por uma profunda interpretação dos problemas. Palavras como responsabilização, inquietude, segurança e argumentação caracterizam este processo, característica dos regimes democráticos.

Para Paulo Freire, essa passagem da consciência intransitiva para a transitiva acontece por meio de um trabalho educativo, que nos alerta sobre o perigo de uma massificação atrelada à industrialização. A passagem desta consciência é percebida quando o homem consegue transportar-se da intransitividade à transitividade crítica, superando a fanatização, ou seja, não se deixando levar pelos irracionalismos emocionais.

Sociedade fechada e in experiência democrática

No capítulo anterior, Freire situou a sociedade fechada como uma sociedade escravocrata, antidemocrática e parte do início de uma transição. Neste capítulo, o autor falará da in experiência democrática. O que nos causa isso? As várias tentativas? A falta de um autogoverno? De acordo com o autor, a base escravagista, diante do modo de economia, não comporta uma estrutura política, democrática e popular.

De uma sociedade escravocrata, segundo o filósofo, vêm o mandonismo e o protecionismo, que advêm do patrão, resultantes de uma ação muda, na qual prevalece uma falta de teor marcadamente crítico. Ainda que as relações aconteçam, nesse caso, o que acontece é um paternalismo, uma “bondade do senhor”. De acordo com Freire, isso não é diálogo: “A dialogação implica na responsabilidade social e política do homem. Implica num mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas condições oferecidas pelo grande domínio” (FREIRE, 1967, p. 70).

Continuando a sua tese, Freire retrata que a nós faltou o povo, faltou a participação; é por isso que não podemos pensar em autogoverno e dialogação. Em nossa colonização, tudo levava ao individualismo. Para o autor, na verdade, o que caracterizou a nossa formação foi o poder exacerbado. É ele que nos permite a submissão e conseqüentemente o ajustamento, a acomodação e a não integração. Não tivemos experiências democráticas na colonização. Começamos a alimentar a tentativa de um Estado formalmente democrático, tendo como base uma mentalidade feudal e estrutura econômica e social colonial. Queríamos implantar a participação, a responsabilidade, mas a participação e o autogoverno em pessoas que viviam o aprisionamento das vozes silenciadas. Ou seja, não havia transitividade, nem ao menos o reconhecimento de sua consciência. “Experiências, atitudes, preconceitos e crenças, compartilhados por todos ou por uma grande maioria” (FREIRE, 1967, p. 81) era algo que não existia.

Após as décadas de 1920 e 1930, nas quais aconteceu o surto da industrialização, o escritor nos informa que o país começava a encontrar-se e o povo começava a experimentar a participação. Nesse sentido, o patrono da educação finaliza o capítulo nos dizendo que “é possível que a intensa emocionalidade que gerou os irracionalismos sectários possa provocar um novo caminho dentro do processo, que o conduza para uma menos rápida chegada a formas mais autênticas e humanas de vida, para o homem brasileiro” (FREIRE, 1967, p. 84), mas este é um caminho a se definir.

Educação *versus* massificação

O capítulo 3 se inicia mencionando que Freire procurava buscar uma pedagogia que encontrasse respostas para a fase de transição que o país vivia. “Uma educação que tentasse a passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica, que armasse o homem contra os irracionalismos que faziam com que ele fosse presa fácil” (FREIRE, 1967, p. 86).

Com a luta de classes, o autor nos diz que se previa apenas uma questão, pois necessitava de “uma reforma urgente e total no seu processo educativo. Reforma que atingisse a própria organização e o próprio trabalho educacional em outras instituições, ultrapassando os limites mesmos das estritamente pedagógicas” (FREIRE, 1967, p. 88). Procurava uma educação que não fosse quietista, mas pautada no diálogo. No Brasil, percebeu-se uma fase em que houve a combinação da transitividade de consciência e um movimento de rebelião, algo considerado construtivo para a democracia, e isso auxiliaria sua aprendizagem. Nesse sentido, a educação deveria ser “uma tentativa constante de mudança de atitude” (FREIRE, 1967, p. 94); a educação deveria superar o analfabetismo e a inexperiência democrática, ao mesmo tempo em que deveria superar a palavra oca e a verbosidade teórica, formar seres críticos, superar o falso dilema humanismo-tecnologia. Havia a necessidade de se ater a um Brasil que fosse real, fecundar uma ação na qual o país pensasse assumir suas realidades como definitivamente era. A influência da universidade de Brasília e a isenção foram imprescindíveis para isso.

Educação e conscientização

No quarto capítulo, o escritor nos mostra que, preocupado com a questão da democratização da cultura, deveria se dar atenção aos déficits qualitativos e quantitativos da educação. A luta por uma cultura era feita para o povo e com o povo, não como doação para esse povo. O trabalho desempenhado pelo autor tentava “a promoção da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que alfabetizava” (FREIRE, 1967, p. 104). Uma “alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação” (FREIRE, 1967, p. 104). Buscava-se uma educação que superasse a captação ingênua de realidade para uma crítica. E como superar estas atitudes no homem? Somente com um método ativo e dialógico. Um homem no mundo e com o mundo e a cultura como resultante de um trabalho criador e recriador (FREIRE, 1967).

Neste mesmo capítulo, o autor também descreve o seu método de alfabetização. Ele era desenvolvido em fases, a saber: I - O levantamento do universo vocabular dos grupos que se trabalha. Observação da linguagem, dos vocábulos carregados de sentido existencial. As palavras geradoras saíam do levantamento dos escritos, que revelavam o povo; II - A escolha de palavras com os seguintes critérios: a) riqueza fonêmica, b) dificuldades fonéticas, c) teor pragmático, ou seja, um maior engajamento da palavra em uma realidade social, cultural, política, etc.; III - A criação de situações existenciais típicas do grupo com quem vai trabalhar. O debate faz com que o grupo se conscientize e alfabetize. Uma palavra geradora poderia contextualizar a situação toda ou somente parte dela; IV - A elaboração de fichas que auxiliem o debate e, por último, a leitura de fichas com decomposição das famílias fonéticas, correspondentes aos vocábulos geradores. Nesse método, o patrono ainda retrata que a maior dificuldade encontrada estava nos coordenadores, na criação de uma nova atitude que permita o diálogo e não a domesticação.

Realizados estes passos, após preparar o material, as equipes e os debates realizados com as fichas de roteiro, iniciava-se o trabalho. É assim que Freire finaliza esse anexo do livro, demonstrando a importância de se pensar e fazer criticamente a alfabetização.

Execução prática

Nesta parte final do livro, Paulo Freire relata a execução prática do seu método. O sucesso do seu recurso evidencia que se conseguira, entre “um mês e meio a dois meses, deixar grupos de vinte e cinco homens, lendo jornais, escrevendo bilhetes, cartas simples e discutindo interesse local e regional” (FREIRE, 1967, p. 115). Recomenda-se ao leitor conhecer estas páginas para compreender de modo prático a execução do método.

Em notas de rodapé, o autor nos mostra que o ensino acontecia de modo consistente. Para a professora Elza Freire, isso se deu devido à motivação e à apreensão crítica do uso da língua somado à discussão de um conceito antropológico de cultura. Ao se conscientizar sobre sua problemática, o homem se politizava.

Em suas palavras finais, Paulo Freire menciona no livro críticas sobre o seu trabalho. Segundo ele, a sua história descreve que, apesar das críticas o desmerecendo, o que lhe amargurava de fato “não era outra coisa senão a ameaça dos irracionalismos à nossa destinação democrática anunciada na transição brasileira” (FREIRE, 1967, p. 121).

Apêndice

Neste apêndice, o autor apresenta situações reais que lhe possibilitaram a apreensão do conceito de cultura e 17 palavras geradoras que motivaram esta apreensão.

1ª situação - *O homem no mundo e com o mundo. Natureza e cultura*

Com perguntas simples sobre o cotidiano do trabalhador, o filósofo chega a dois conceitos básicos: necessidade e trabalho, e a cultura se explica no nível primeiro da subsistência. A partir disso, discute-se o homem como sujeito.

2ª situação - *Diálogo mediado pela natureza*

O homem é motivado ao diálogo para a comunicação com fundamentos de amor, humildade, esperança e postura crítica e criadora de diálogo.

3ª situação - *Caçador iletrado*

Inicia-se em uma distinção sobre o que é da natureza e da cultura. Depois da compreensão de que as penas, após utilizadas pelo homem, são culturas, discute-se a educação. Como ela acontece em uma cultura iletrada que não domina as técnicas de ler e escrever?

4ª situação - *Caçador letrado*

Apesar de analfabeto, o homem pertence a sua cultura. A transformação dos objetos, exemplo: arco em espingarda. Discute-se a questão, mencionando que ela só tem sentido se for realizada para uma possível humanização.

5ª situação - *O caçador gato*

Percepção das diferenças entre a fraseologia e a ontologia. Os homens conseguiam, a partir de sua realidade, verificar quais homens caçando faziam ou não cultura em sua ação.

6ª situação - *O homem transforma a matéria da natureza com o seu trabalho*

O que fazem os homens com o trabalho?

Trabalho-objeto de cultura.

7ª situação - *Jarro, produto do trabalho do homem sobre a matéria da natureza*

A dimensão estética da obra criada. A cultura em um nível de necessidade espiritual.

8ª situação - *Poesia*

Discussões sobre os tipos de cultura. Poesia enquanto cultura.

9ª situação - *Padrões de comportamento*

A caracterização dos padrões de comportamento como uma manifestação cultural.

10ª situação - *Círculo de cultura funcionando: síntese das discussões anteriores*

Analisava-se a força criadora do diálogo, o acostamento das consciências e, em seguida, a alfabetização que é chave para a comunicação escrita.

Por fim, no final de seu escrito, o autor nos apresenta as palavras geradoras por ele utilizadas. São elas: I - favela; II - chuva; III - arado; IV - terreno; V - comida; VI - batuque; VII - poço; VIII - bicicleta; IX - trabalho; X - salário; XI - profissão; XII - governo; XIII - mangue; XIV - engenho; XV - enxada; XVI - tijolo; e XVII - riqueza. Ademais, menciono que essa é uma leitura que deve ser realizada por todos aqueles que pensam e desejam fazer da escola um local de melhor adequação das questões discursivas pelas quais frequentemente nos empenhamos para melhor traduzir os dizeres de uma qualitativa sociedade política, educativa, ética e moral.